

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: Um método unificado de ensino e a memória do lugar

Rosemary¹

Resumo

O presente texto pretende empenhar-se sobre a formação docente tentando observar a escola enquanto espaço de conservação identitária e de construção de saberes pautado na realidade de cada localidade a partir da pesquisa bibliográfica, tentando justificar a relevância na contribuição do resgate histórico do método de ensino no país, o Ratio Studiorum como subsídio hegemônico para a formação educativa e religiosa no país. Esquecendo-se de toda diversidade do Brasil e da função primeira da escola que é de tornar o cidadão político e sociável, sem esquecer sua memória.

Palavras chaves: Formação docente, método Ratio Studiorum, memória.

Summary

This text aims to focus on training teachers trying to observe the school as an area of preservation of identity and building knowledge bases in the reality of each locale from the bibliographic search, trying to justify the relevance in contribution redemption history teaching method in the country, the Ratio Studiorum as hegemonic allowance for religious education and formation in the country. Forgetting the whole diversity of Brazil and of the first school that is making the political citizen and sociable, without forgetting its memory.

Keywords: teacher training, method Ratio Studiorum, memory.

¹ Rosemary Santos, - Graduação em pedagogia- Faculdade Pio Décimo. Pós graduada em Planejamento e Projetos da Educação Universidade Salgado de Oliveira/UNIVERSO/UAS-SE. Graduanda em Letras-Português-UFS

O presente trabalho pretende discorrer sobre formação de professores, dentro de uma perspectiva de quem aprende, tendo como ponto central, a formação do sujeito enquanto ser participante da transformação. Pensar a escola como lugar de formação e construção da identidade do sujeito, seria contribuir para formação cultural do cidadão enquanto participante e transformador, onde a escola contribui para consolidar a sociedade atentando para a realidade dos aprendizes.

Formação docente

Conforme Nóvoa (1997, p.27), “o profissional competente possui capacidades de auto desenvolvimento e reflexão” de sua prática. Ele é um profissional que corrobora para o crescimento do trabalho pedagógico a partir de diferentes e constantes práticas, e adapta essas ações ao saber que o aluno já trás de casa como bagagem. É o que nóvoa vai dizer de sobre o profissional que possui capacidades de auto “reflexão” (idem), constantemente procura avaliar sua prática e faz as intervenções necessárias visando melhoria do seu trabalho e conseqüentemente do progresso do educando.

Conforme parafraseia Nóvoa, os docentes precisam se assumir “como produtores da sua profissão”. E para ele ainda, a formação superior é vital, mas não é somente.

“O desenvolvimento profissional corresponde ao curso superior somado ao conhecimento acumulado ao longo da vida. Uma boa graduação é necessária, mas não basta, é essencial atualizar-se sempre, isso remete a necessidade da formação continuada no processo da atuação profissional, ou seja, há a necessidade da construção do saber, no processo de atuação profissional”.²

O bombardeio de notícias e as constantes mudanças atreladas à rapidez de informações a partir das novas tecnologias tornam-se mais evidente que o profissional precisa acompanhar esse novo modelo posto hoje à sociedade, sobretudo o professor, já que ele é mediador do processo de ensino e aprendizagem. Matos define esse professor de forma bem contextualizada quando discorre sobre o professor “reflexivo” aquele em que sua ação docente atende o contexto local, com práticas que perpassa para além da sala de aula, conforme cita o autor a respeito.

² Nóvoa, 1997, p. 36

Entender a realidade da clientela da escola e identificar possibilidades e os limites de possibilidades de atuação co coordenador pedagógico em face das condições reais da instituição

A pesquisa [...] que fizemos [...] do conceito de professor reflexivo mostrou-nos que se de um lado é pertinente usar o termo para delimitar uma dada compreensão do profissional almejado e de sua conseqüente prática docente, doutro, parece redundante falar em professor reflexivo quando se trata de uma característica peculiar ao ser humano.³

Na perspectiva da comunidade investigativa, O trabalho com a formação docente, do/no cotidiano escolar, exige o reconhecimento de que apesar da profunda crise instaurada em todos os campos da realidade social, as instituições escolares ainda podem ser espaços privilegiados para produção de subjetividades potencializadas e capazes de investir na criação e circulação de saberes compromissados com a recriação das utopias de mundos melhores, mais solidários.

Boaventura Santos acredita na escola como espaço de produção e construção de subjetividade do sujeito que aprende e recria, de modo que sejam capazes de construir o mundo que se pretende a partir do lugar onde vive preservando a sua memória. Por conseguinte esse processo exige do professor, uma pesquisa mais aprofundada da realidade no entorno da escola com trabalho de investigação da comunidade para esse fim.

As mudanças em todos os segmentos surgem de forma muito rápida, o professor necessita estar atento a elas. Perceber quando o aluno está em prontidão para aprender faz parte do perfil de um professor reflexivo, que condiciona o aluno a levantar questionamentos, e percebe quando o aluno não avança e porque, e busca forma de fazer intervenções. Certamente para que esses estágios ocorram, é necessário um preparo maior no professor, e somente com profissionais preparados, serão capazes de terem alunos mais autônomos, críticos e criativos.

³ Matos, 1998, p. 302

Visto que o professor no cotidiano de sala de aula, é o agente que está no comando, das ações de melhoria da escola levando em conta não quem aprende mas principalmente quem ensina, já que quase tudo da sala de aula está sobre o controle do professor, de nada adianta criar políticas de melhoria sem antes formar o professor para implementá-las. Exemplo disso foi a criação dos PCN, documento norteador de melhoria da prática docente e contribuição no resultado discente. Porém esse documento depois de mais de uma década, ainda não saiu do papel, ou melhor, das prateleiras das salas de leitura. Sem contar que no momento de sua criação, esses parâmetros foram entregue “um” a cada professor. No entanto, conforme dados analisados pela UNESCO, os PCN, ainda não foram de fato utilizados na sala de aula, pela ausência de preparo do professor. Com base no parágrafo abaixo.

[...] A consulta foi feita por correio a cerca de 12 mil secretarias estaduais e municipais, escolas, ONGs e centros que formam professores e mostrou que a maioria dos respondentes conhecia e usava os parâmetros, mas não tinha certeza de que os aplicava de maneira correta. [...] Ficou patente a dificuldade de interpretar os PCN. [...] “O uso mais comum se limitava ao uso dos temas transversais.”⁴

Sentindo o não uso dos Referenciais curriculares a SEF/MEC (Secretaria de Educação Fundamental do MEC), criou em parceria com os Estados e Municípios que aderiram o Programa “Parâmetros em Ação”, Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado com a pretensão de desenvolver um trabalho voltado para docentes e coordenadores da educação infantil ao último ano do ensino fundamental, com o objetivo de que esse estudo venha conforme diz no texto (PROGRAMA, 2.000, p. 9), “contribuir para o debate e a reflexão sobre o papel da escola e do professor na perspectiva de uma prática de transformação da ação pedagógica”. Esse trabalho aconteceu em 2.000 municípios, e com 15.000 coordenadores formadores, que estarão imbuídos de serem multiplicadores a grupos de professores, instruindo o uso dos PCN na sala de aula.

⁴ PROGRAMA, 2000, p. 8

A formação parece salutar, e oportuna, uma vez que os professores precisam de certo modo, fazer uso dos PCN em sua ação didática pedagógica, no entanto, o que parece ser estratégia de orientação, precisa de uma política mais voltada para atender o docente no contexto da realidade do educando, que os conteúdos estejam atrelados a um estudo crítico, além de poder contar, com os conhecimentos, ligando os conteúdos dos PCN ao contexto da instituição escolar atrelada a proposta pedagógica e ao PPP da escola.

Porém, conforme declaração, do pró-reitor da UFMG, Mauro Braga, feita no site do (UNIVERSIA, 2006), “Cada vez mais, o mercado requer iniciativa, criatividade, capacidade de trabalhar em grupo e exige que o profissional seja sintonizado com o mundo e os interesses da população”. Tudo isso deve estar atrelado ao conhecimento diversificado e contínuo, capaz de fazer mudança na vida dos envolvidos. De modo que o educador imbuído da responsabilidade e compromisso, do ato educativo, seja também mediador de competências e mudanças de atitudes que a partir dos obstáculos, seja capaz de traçar seus objetivos: de formação continuada a fim de exercer plenamente a cidadania.

Método Ratio Studiorum

Percebe-se, conforme o método aplicado no país pela Companhia de Jesus, que a educação era entendida como homogeneia, tendo em vista a aplicação do Ratio Studiorum um manual de normas que regulamentava e estruturava o ensino nas escolas da Companhia de Jesus em todo o mundo. A intenção era que esse manual servisse de suporte pedagógico enquanto regras de ensino visando constituir uma educação unificada das normas Jesuíticas.

Logo após o descobrimento do Brasil, mais precisamente em 1534, Inácio de Loyola, funda em Paris, a companhia de Jesus. Momento pelo qual o Brasil estava ainda se organizando e Portugal, preocupado primeiramente com as riquezas deste país, motivo primeiro de sua colonização, estava engatinhando em sua estrutura organizacional, tanto em povoamento como no trato com os índios, o que no

entendimento Pero Magalhães Gandavo vem estampar a realidade em que se encontravam esses povos na época.⁵

[...] não tinham as letras ‘F, nem L, nem R’, não possuindo ‘Fé, nem Lei, nem Rei’ e vivendo ‘desordenadamente’. Essa suposição de uma ausência lingüística e de ‘ordem’ revela, um tanto *avant la lettre*, o ideal de colonização trazido pelas autoridades portuguesas: superar a ‘desordem’, fazendo obedecer a um Rei, difundindo uma Fé e fixando uma Lei. [...].⁶

Conforme entendimento de⁷, o índio real, não está na ficção de Robson Crusóé, tampouco o índio que os portugueses nunca conheceram, e que vive em sua lembrança somente como utopia de uma história que parece não ter nunca vida real e forma de pessoa biológica de carne e osso. Porém esse índio real da história da educação brasileira participou de forma empírica da educação no país, em que viviam, de modo que o autor coloca a educação do índio como empirista, aprendia com o meio e interagiam com ele.

Em 1549 chegam ao Brasil, seis Jesuítas, juntamente com Tomé de Souza, - primeiro Governador Geral do Brasil. Após eles estarem quinze anos instalados, outros Jesuítas se espalham no Norte, nordeste e sul do país, todos vindos da Coroa portuguesa, com o objetivo de expandir e proporcionar uma boa educação e evangelizar os gentios através da fé. Preocupados na instrução religiosa e educativa, construíram templos e escolas conjugados com colégios, em todo o país.⁸

No campo das artes, os Jesuítas deram grande contribuição. Suas ações foram tão significativas para o país que no livro “História da Arte no Brasil” retrata seus ensinamentos em todo o primeiro capítulo. A ponto de ser citada na carta em que comunicava a expulsão da Companhia de Jesus, a importância do trabalho deles no campo da arte.

[...] De fato, os jesuítas empreenderam no Brasil uma significativa obra missionária e evangelizadora, especialmente fazendo uso de novas metodologias, das quais a educação escolar foi uma das mais poderosas e

⁵ JOSÉ ANTONIO TOBIAS, P. 46

⁶ Apud VILLALTA, 2002, p.332

⁷ JOSÉ ANTONIO TOBIAS, P. 26

⁸ JOSÉ ANTONIO TOBIAS, 1999, P. 45

eficazes. Em matéria de educação escolar, os jesuítas souberam construir a sua hegemonia. Não apenas organizaram uma ampla ‘rede’ de escolas elementares e colégios, como o fizeram de modo muito organizado e contando com um projeto pedagógico uniforme e bem planejado, sendo o *Ratio Studiorum* a sua expressão máxima. [...] ⁹

Não se pode negar no que se refere á Companhia de Jesus, que houve uma dedicação de sua prática pedagógica à formação docente, mas não foi um método bem sucedido do ponto de vista do construtivismo dos interacionistas e dos PCNs. Já que para Piaget, e Vygotsky, o homem nasce como uma tábua em branco e o meio, é que o molda, conforme diz Roussou, esse homem pode ser bom mal depende da pessoa em que convive.

A concepção pedagógica tradicional se caracteriza por uma visão essencialista de homem, constituído por uma essência humana e imutável. À educação cumpre moldar a existência particular e real de cada educando à essência universal e ideal que o define enquanto ser humano. Para a vertente religiosa, tendo sido o homem feito por Deus à sua imagem e semelhança, a essência humana é considerada, pois, criação divina. Em conseqüência, o homem deve se empenhar para fazer por merecer a dádiva sobrenatural. [...]

Por uma questão lógica, os Parâmetros Curriculares Nacionais, vem orientar o professor, a desenvolver atividades educativas consubstanciada em uma proposta pedagógica que contemple a realidade do educando. No método que pretendia ser hegemônico utilizado pela Companhia de Jesus, foi o mesmo utilizado na França e em maior parte do mundo. País diverso, com cultura diferenciada como o Brasil, não haveria possibilidade de um projeto ser aplicado no mundo inteiro e ser bem sucedido.

A maior preocupação Jesuítica era “atingir obediência das crianças e encontrarlhes o caminho da humanização”.¹⁰ A LDB, a lei que regulamenta o ensino no país, preocupada com o ensino para as competências, empenhou-se no cuidado com os aspectos de uma proposta pedagógica que contemple os aspectos locais e parta para o regional, o nacional e o global, já que são todos moradores de uma só aldeia. De modo que o conduza o ensino para a preparação do ser político e cidadão.

Vale lembrar que:

⁹ SANGENIS, 2004, p.93

¹⁰ AZEVEDO, 1943, p.290

“A Companhia de Jesus foi uma das vítimas mais evidentes dos acontecimentos postos em marcha pelas pretensões imperiais do governo de Pombal e pelas tentativas de nacionalizar setores do sistema comercial luso-brasileiro”.¹¹

Um país que se queria, de uma educação de massa, de uma emergência para o trabalho ainda criança, de uma educação que se prolongava para depois, urge uma maior preparação para o mercado de trabalho através da educação formal e da cidadania.

Bibliografia

FREIRE, P. 1996. *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo. Paz e Terra.

FOUCAULT, M. 1995. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo. Martins

NÓVOA, Antonio. (coord). Os professores e sua formação. Lisboa-Portugal, Dom Quixote, 1997.

POPKEWITZ, T.S. 1992. Profissionalização e Formação de Professores. Algumas notas sobre a sua história, ideologia e potencial. In: NÓVOA, A. *Os Professores e Sua Formação*. Lisboa. Dom Quixote,

SANTOS, Boaventura. de S. 2000. *A crítica da Razão Indolente. Contra o desperdício da Experiência*. Porto. Edições Afrontamento.

WWW.universia.com.br. **Formação continuada: passado e futuro** O que já mudou na educação continuada e quais mudanças estão por vir. **2006**.

¹¹ MAXWELL, 1995, p.42